

“Mário de Andrade da Câmara Cascudo”

[“Mário de Andrade da Câmara Cascudo”

Marcos Antonio de Moraes¹

MORAES, Marcos Antonio de. “Mário de Andrade da Câmara Cascudo”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 67, p. 249-254, ago. 2017.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi67p249-254>

¹ Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

CARTAS A LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

No arquivo de um escritor, verifica-se, frequentemente, o nomadismo das cartas. A longa missiva do folclorista norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) a Mário de Andrade, em 5 de julho de 1929, partilhando o seu conhecimento acerca “de um resto de romance que se cantava no Boi”, deixou de ser guardada pelo destinatário nas pastas de sua correspondência, mas foi inserida entre os papéis que vinha amalhando para a elaboração de um extenso estudo sobre o folclore musical brasileiro, *Na pancada do Ganzá*. Outras três missivas, subscritas por Mário, endereçadas ao amigo potiguar, desgarram-se do conjunto de mensagens que, no acervo de Câmara Cascudo, testemunhava o diálogo travado com o paulistano desde 14 de agosto de 1924, perdurando até 13 de agosto de 1944. Esses quatro fragmentos da vigorosa interlocução entre dois estudiosos da cultura popular brasileira, não tendo sido ainda catalogados pelos pesquisadores em 2010, deixaram de integrar o livro *Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Cartas, 1924-1944*².

As peças dispersadas podem ser agora reinseridas no tecido da edição da correspondência, cujo ideal de integralidade raramente o organizador alcança. As três cartas de Mário de Andrade trazidas a lume pelos laboriosos pesquisadores do Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo, datadas de 11 de janeiro de 1931, 31 de setembro de 1941 e 18 de março de 1942, reafirmam a boa sintonia construída com o seu interlocutor nordestino ao longo de duas décadas, erigindo uma amizade evidentemente não isenta de tensões e de antagonismos. Linhas de força do projeto nacionalista empreendido por ambos – cada qual à sua maneira, cumprindo, contudo, trocas fecundantes – transparecem nessas missivas.

Em 1931, Mário, ao lado do historiador Paulo Prado e do ficcionista Antonio de Alcântara Machado, coloca em marcha a *Revista Nova*, no esforço de superar o caráter preponderantemente literário dos periódicos modernistas na década de 1920. Pretendia-se propiciar um conhecimento mais denso da experiência nacional, o “repertório do Brasil”. Mário recorre ao estudioso Cascudo, partilhando, em

2 ANDRADE, Mário de; CASCUDO, Luis da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Cartas, 1924-1944*. Organização e notas Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Global, 2010.

carta, o ideário da publicação, seus modelos nacionais e estrangeiros, insistindo na participação do companheiro nessa empreitada séria. A revista perdura de 15 março de 1931 até 15 de dezembro de 1932, o último número, triplo, 8-10. Em sua tiragem inaugural, o índice estampa o nome de Câmara Cascudo, que se debruça sobre “A escravaria na evolução econômica do Rio Grande do Norte”; no terceiro número, em 15 de setembro do mesmo ano, ainda subscreve “Álvares de Azevedo e os charutos”. Oferece também à publicação, como informa a carta de agosto de 1931, o longo ensaio “Poética sertaneja”, o qual, por fim, não apareceria nas páginas da *Revista Nova*. Os três estudos contam da amplitude de interesses do periódico e dos diferentes instrumentos tocados por Cascudo naquele momento: a história, a economia, a literatura, o folclore.

Câmara Cascudo, em 7 de maio de 1941, difunde em *A República*, de Natal, os estatutos de uma “Sociedade Brasileira de Folclore”, que se propunha a cumprir “a pesquisa, estudo e sistematização do Folclore local e nacional”. A ela Mário se refere quando, em carta de 31 de setembro desse ano, em tom de brincadeira, dirige-se ao amigo, “ordenando[-o]” a nomeá-lo como “sócio correspondente” do grêmio. Em novembro, já podia escrever a ele agradecendo, pois se via alçado ao posto de “sócio fundador”. O empenho de Cascudo em suas atividades investigativas no campo do folclore deu ensejo à criação, em Natal, de uma agremiação nos moldes da paulistana Sociedade de Etnografia e Folclore (SEF), que, em sua fundação, em maio de 1937, teve Mário de Andrade, então diretor do Departamento de Cultura do município de São Paulo, como presidente, e a professora francesa Dina Lévi-Strauss, versada em etnografia como prática científica, como primeiro secretário. Em 24 de novembro de 1941, segundo Mário, a SEF paulista mostrava-se inativa, “não está morta nem viva, está em estado de beatificação”.

Gestos frutíferos de troca de saberes nos trajetos de pesquisas vicejam na correspondência. Se, por exemplo, em abril de 1941, Cascudo, traduzindo *Travels in Brazil*, de Henry Koster, recorre a Mário, colocando em pauta a terminologia de instrumentos musicais no século XIX, em 18 de março de 1942, o autor de *Macunaíma*, pela vez dele, se socorre de quem lhe podia valer em um momento de “precisão de verdade”. Desejava uma cópia de artigo de Cascudo, “Os animais fabulosos do Norte”, saído numa *Revista do Centro Polimático*, em Natal, no ano de 1921”. Prontamente Mário receberia o escrito que, segundo o remetente, convalidava a sua “velha dedicação ao folclore”, embora, como se sabe, diversos chamados e curiosidades o levassem para tantos outros campos de exploração.

Se a dimensão intelectual, no diapasão dos interesses comuns, vigora no diálogo epistolar entre Mário de Andrade e Câmara Cascudo, os afetos cimentam os vínculos. As carinhosas formas de tratamento empregadas por Mário nessas três mensagens (“Cascudinho”, “Cascudinho, folha fumadinha de Jurema” e “Luisito”) evidenciam a consistência dos laços de amizade construída no campo letrado. Na expressão “Mário de Andrade da Câmara Cascudo” que surge na carta de 1931 desenha-se não apenas a figuração fantasiada de uma consanguinidade, mas aquela de um parentesco espiritual entre sujeitos que aspiram ao conhecimento do Brasil em suas camadas mais profundas.

Cascudinho.

Recebi sua carta agorinha mesmo e já respondo pela vontade que tenho desta chegar aí antes da partida de você. Porque tem um assunto importante. Acabamos de fundar, Paulo Prado, Alcântara Machado e eu, uma revista, pra qual vamos dar todo o nosso esforço coletivo. Não se trata mais, é evidente, de Terras Roxas nem Klaxons. É uma revista séria, que, espero, prosseguirá a tradição da *Revista Brasileira* e da *Revista do Brasil*. Nada de tendências das chamadas “modernistas”, apenas: contemporaneidade, como as duas que citei. Terá 150 páginas, formato mais ou menos da *Revue d'Allemagne* ou da *Nouvelle Revue Française*, e, no primeiro ano será apenas trimestral. Depois, conforme o sucesso, ficará bimestral ou quem sabe se já mensal, tudo dependendo do sucesso. Já sabe que todas as despesas correm por conta nossa, dos três, e já feitos os cálculos, na melhor das hipóteses teremos no primeiro ano um déficit de dois contos e pico, isso na melhor das hipóteses! A situação é clara: não se pode pagar colaboração. Mas contamos com a seriedade da revista que certamente não³ desprestigiará quem se publicar nela e mais em nossas amizades, que principalmente do Paulo Prado são importantes e numerosas. Está claro que da nossa tripartida parte faremos toda a dedicação por uma coisa que queremos, se possível, ótima. Darei colaboração minha importantíssima, o melhor que eu puder, pra Revista. Só que, entende-se, isso não pode ser logo nos primeiros números, pois que revista dirigida por nós, não deve ser feita pra nós três nos produzirmos nela. Assim: só as crônicas serão nossas nos primeiros números, e escreverei uma aliás longa e importante no primeiro número, sobre a Poesia em 1930. Ora carecemos de coisas importantes que tenham o “Continua” pra que dure dois ou três números, ou mais mesmo. Pensei em você que tem três livros prontos e sem publicação, ideia que foi logo aplaudida pelos outros dois. Que acha? Num país de parquíssima leitura como o nosso, publicação em revista não é que invalidará publicação em livro depois. Quanto mais que você sabe já de experiência também pessoal a pouca repercussão que têm os nossos livros. Ora se você desse pra nós um dos seus livros, de interesse mais geral, pensei no marquês de Olinda, sairia lindamente, nos dava uma ajuda enorme, e tenho a certeza que não invalidava o livro de você. Está claro que o processo de publicação será em cada número trechos suficientemente longos, como fazem nas revistas europeias, não⁴ só pra não picotar o livro todo, como pra que cada parte em si, tenha interesse independente, ou pelo menos real em si. Já sabe: grátis. Não pagaremos coisa nenhuma, pelo menos no princípio. É certo que Paulo Prado é rico, mas no caso ele não é menos pobre que eu porque as despesas serão tripartidas: ele dá o nome o que já não é pouco. Pense, resolva e veja se manda alguma coisa, prefiro livro, mas se não for livro, conto com algum artigo de grande importância como você pode fazer. E tenha toda a franqueza porque coisinha comigo, da parte de você, era besteira, me'rmão.

O caso da casa em Areia Preta está ótimo assim. Isso sempre me deu uns pensamentinhos desagradáveis, e você, como o Antonio Bento devem de ter percebido no início a extrema reserva com que custei a pedir a coisa, fui protelando, até o ultimatum de você, depois da minha vinda já, que mandasse procuração pra vocês tratarem dos meus negócios aí. Só penso é na caceteação que dei pro coronel Cascudo e pra você, me perdoem. E que saíamos limpos numa coisa em que entramos limpos, é a única coisa que desejo. Só resta é a saudade

3 No manuscrito: “nas”.

4 No manuscrito “na não”.

de Areia Preta... Mas essa eu mato porque o dia em que quiser e puder tenho família no Rio Grande do Norte, este Mário de Andrade da Câmara Cascudo, memeim, manda fazer um bolo de mandioca pra mim, manda? E o bolo de mandioca virá, tenha certeza.

Bravos à empresa em que você se meteu, puxa! O Luís por aqui, vai ser uma pândega. Você há-de ver um Mário que você nunca imaginou junto do Mário que você quer bem e vale a pena. Um Mário solitário, um Mário de quarto que cada vez tem menos relações, que cada vez vive mais intensamente, tendo escolhido pra isso a pura solidão. Você há-de encontrar este vosso quarto, carregadinho de livros e mais livros, uns quadros, uns enfeites comprados a prestação no geral, uma família feliz que receberá você com simplicidade e a pureza dum conhecido velho. Sente e a casa é sua. Tudo o que é meu em São Paulo, é de você também, já sabe. Só faça o impossível pra que sua estadia em São Paulo, não seja por junho nem por julho, pois esses dois meses não poderei estar aqui. Creio até que já contei pra você: tenho que passar dois meses no Rio por causa de certos estudos a fazer na Biblioteca Nacional e no Museu de lá. Falar em data, o primeiro número da *Revista Nova*, sairá dia 1 de março, por isso o que mandar mande já.

E agora ciao, que hoje é segunda-feira e não é dia de escrever carta. Mas inda tenho que escrever outra, diabo! Saudades pra todos, pra todos, até pro meu futuro afilhado de crisma, que já estou adorando feito rei mago. Hei-de⁵ levar pra ele incenso, mirra e... pratinhas. Um beijo pra mamãe, outro pras mãos de sua mulher. Como vai Cotinha? Ando muito é com vontade de escutar uma daquelas aventuras de cangaceiros contadas pelo coronel Cascudo, o homem que melhor sabe contar que já encontrei. E pra você um bruto dum abraço arrojado do Mário.

São Paulo, 11 de janeiro de 1931.

Carta datada: "S. Paulo 11-I-31", datiloscrito. Fotocópia. (Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo).

São Paulo, 31 de setembro de 1941.

Cascudinho, folha fumadinha de Jurema,

estou danado com você. Ia mesmo lhe escrever, ou rompendo relações ou ordenando a você me convidar pra sócio correspondente da Sociedade Brasileira de Folk-lore, que se escreve Folclore. Desaforo!

Não consegui desde ontem descobrir o endereço certo do Belmonte. Ele trabalha no Dep. Estadual de Imp. e Propaganda, mas é tal a bagunça lá que a carta pode se perder. Mande pro Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico, rua Marconi 87, edifício Anchieta, 4º andar, que nos encarregaremos de entregar.

Mas continuo indignado com você e não te abraço.

Mário.

Carta datada: "S. Paulo 31-VII-41", autógrafo; 1 folha. Fotocópia. (Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo).

5 No manuscrito: "hai-de".

São Paulo, 18 de março de 1942.

Luisito.

Você escreveu um artigo uma vez que eu preciso dele com precisão de verdade. E por aqui não hai. É um tal de “Os animais fabulosos do Norte”, saído numa *Revista do Centro Polimático*, em Natal, no ano de 1921, II, pgs. 7 a 13. Você não pode agarrar um dos seus alunos, pedir pra ele copiar isso em datilografia ou letra boa de ginásiano e mandar a cópia pra mim? Era um favor de fato e lhe ficaria na mesma gratidão de sempre, aliás, que não pode mais aumentar.

Já viu o livro do Renato? Ficou ótimo. O nosso companheiro teve mesmo um trabalho pasmoso, mas resultou. Fiquei feliz, por ele.

E vós? Que fazedes? Sua gente como vai? Você nunca mais me mandou retrato de herdeirinho, pra eu seguir a subida das forças e da altura. Não esqueça disso, de vez em quando. Lembranças carinhosíssimas a todos os seus e este abraço velho e o mesmo do Mário.

Carta datada: “S. Paulo, 18-III-42”, autógrafo; 1 folha. Fotocópia. (Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo).

SOBRE O AUTOR

MARCOS ANTONIO DE MORAES é professor de Literatura Brasileira do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) e organizador de *Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Cartas, 1924-1944* (Global, 2010).

E-mail: mamoraes@usp.br

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, Mário de; CASCUDO, Luis da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Cartas, 1924-1944*. Organização e notas Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Global, 2010.